

E se ninguém der bola para ele?

Não existe muita certeza, interna e externamente, de que o mundo financeiro internacional tenha ficado profundamente impressionado com a luzidia comissão designada pelo nosso governo para tratar do problema da dívida externa.

O que existe, ao que parece, é intensa curiosidade nos corredores do Itamaraty para saber se o ex-chanceler Saraiva Guerreiro vai conseguir abrir os olhos ou não. Parece que nesse mister de negociar com banqueiros e governos estrangeiros é preciso estar de olhos abertos — o tempo todo.

A propósito, o que faz o nosso estimado Belluzo em tão ilustre companhia? Estará se tornando, na área econômica, pau para toda obra, como acontece com o dr. Ulysses na área política? Ou simplesmente é falta de gente mesmo na equipe do ministro Funaro?

As negociações sobre a nossa dívida externa parecem, em todo caso, nesta altura, apenas um diálogo de surdos: Funaro fala uma coisa os credores respondem outra — pura e simplesmente. No périplo internacional que fez, logo depois de ter interrompido o pagamento de juros, ele ouviu dos governos um recado muito claro embora o tivesse revelado à nossa opinião pública da maneira arrevesada com que interpreta o que ouve. O recado era para que ele primeiro se entendesse com os bancos. Isso significava na prática entender-se com o comitê de representantes dos bancos comerciais coordenado por William Rhodes. Coisa que fere a filosofia e a estratégia do ministro. A solução que ele encontrou não pode ser qualificada de tola: arranjou para fazer algumas palestras para grupos de empresários em Nova York, entre os quais se encontravam alguns financistas, e um encontro fechado com os presidentes dos cinco maiores bancos privados credores do Brasil. Ninguém pode dizer que ele não esteja se "entendendo" com os bancos, mas também ninguém pode acusá-lo de ter recuado na decisão de só conversar com governos e não com banqueiros.

O problema é saber se os presidentes de bancos entenderam melhor do que os representantes de governos a conversa e os propósitos do nosso ministro. É pouco provável, uma vez que mesmo nós não conseguimos entender.

O curioso nessa história toda é que Funaro não está falando sozinho, quando se refere aos rumos estratégicos que a coisa toda deve tomar. Tem companhia ilustre. Por exemplo, o diretor-gerente do FMI, que também acha que uma solução definitiva para o problema da dívida deve ser compartilhada equitativamente pelos três principais parceiros envolvidos na questão: governos credores, bancos comerciais e governos devedores. Paul Volcker também acha isso, e acha mais. Acha que os bancos comerciais deveriam ter aberto novos créditos para os países devedores que cumpriram com sua parte nos acordos de ajuste — opinião igualzinha à de Funaro. Os bancos se defendem dizendo que na verdade, durante três anos, subsequente à crise de 82, somente eles entraram com novos recursos. Nem os governos credores cumpriram sua parte, de flexibilizar suas legislações, nem os governos devedores ajustaram seus orçamentos na medida devida, e assim eles, bancos, não podem ser chamados a resolver sozinhos a questão.

Temos aí, portanto, a evidência de que Funaro, como os navegadores do século XV, tem intuição de onde se encontra a verdade e a terra a ser descoberta. O problema é que ele antecipa essa descoberta, conta com o sabor da omelete antes de a galinha ter posto os ovos, o que o leva a dizer coisas como, por exemplo, que os banqueiros estão com "nova compressão" do assunto e que já existe, no sistema internacional, a convicção de que o problema só se resolverá com a colaboração das partes.

Isso não é novidade. Mas é discurso. Até que qualquer discurso se transforme em praxis podem transcorrer anos. Eu mesmo testemunhei magníficos e convincentes discursos sobre a necessidade de reforma do sistema monetário internacional, durante anos, em seguidas assembleias do FMI. Esta continua a ser uma necessidade mundial. Só que até hoje nenhuma das reformas propostas se tornou prática.

Neste momento o ministro Funaro está propondo a constituição de um novo fórum internacional para tratar exclusivamente da questão da dívida. Pode continuar propondo. Poderá morrer de velhice antes que esse fórum se concretize. Não obstante terá que administrar as contas do Brasil dentro do sistema atual, existente — e aí é que está o problema. O ministro não gosta do sistema atual, e por isso deixa a matroca como se ele já tivesse sido substituído e já houvesse um novo em seu lugar. Ele está pronto para trabalhar e apto para funcionar dentro do sistema que ainda não existe, mas não dentro do sistema que existe.

Esta visão é que é altamente perturbadora, e não propriamente os sonhos do ministro. Todo mundo tem o direito de sonhar desde que enfrente o dia-a-dia com realismo enquanto o sonho não se materializa. É a visão do "craú". Um estudante aplicado, Paulo Nogueira Batista Jr., deu-lhe uma fórmula para superar o problema da dívida. Ele achou boa: pegamos essa fórmula, e craú! Para ele, o problema já está resolvido, como já estava resolvido o problema da inflação.